

**A RELATIVIDADE DO TEMPO NO SURFE:
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE DIFERENÇAS PSICOSSOCIAIS
ENTRE HOMENS E MULHERES**

**THE RELATIVITY OF WEATHER IN SURFING:
AN EXPLORATORY STUDY ON PSYCHOSOCIAL DIFFERENCES
BETWEEN MEN AND WOMEN**

**LA RELATIVIDAD DEL CLIMA EN EL SURF:
UN ESTUDIO EXPLORATORIO SOBRE LAS DIFERENCIAS
PSICOSOCIALES ENTRE HOMBRES Y MUJERES**

Thalita Amaral Mattiuzzi

<https://orcid.org/0000-0002-7277-2603> 

<http://lattes.cnpq.br/8662979005037352> 

Universidade Federal Fluminense (Niterói, RJ – Brasil)

thalitaamaralmattiuzzi@id.uff.br

Raquel Nogueira da Cruz

<https://orcid.org/0000-0002-7265-8261> 

<http://lattes.cnpq.br/0062980308210533> 

Universidade de São Paulo (São Paulo, SP – Brasil)

raquel.nog@outlook.com

Erick Francisco Quintas Conde

<https://orcid.org/0000-0002-7130-2888> 

<http://lattes.cnpq.br/8779228770814552> 

Universidade Federal Fluminense (Niterói, RJ – Brasil)

psicoerick@yahoo.com.br

Resumo

Evidências recentes ampliam o debate acerca das diferenças entre homens e mulheres nos esportes. A presente pesquisa se propôs a investigar possíveis diferenças entre os sexos em praticantes de surfe, analisando aspectos psicológicos e sociodemográficos. Um formulário eletrônico foi utilizado para coletar dados de 36 praticantes e 64 não praticantes de surfe, abordando: dados sociodemográficos e informações sobre a prática esportiva, da atividade física e/ou sedentarismo; Escala não analógica visual-numérica sobre a percepção de Saúde; Escala de Resiliência; Questionário Disexecutivo (DEX). O Teste-t para amostras não pareadas mostrou diferenças significativas para a variável "Tempo de prática" entre os sexos ($p= 0,003$; $d= 0,99$), com homens ($m= 18,39$ anos, $dp= 14,55$) apresentando maior tempo de prática do que mulheres ($m= 7,73$ anos, $dp= 4,38$). Esses resultados destacam a necessidade de abordar questões de gênero no surfe, visando à equidade e ao bem-estar psicológico de todos os praticantes.

Palavras-chave: Surfe; Sexo; Psicologia.

Abstract

Recent evidence expands the debate about the differences between men and women in sports. This research aimed to investigate possible differences between the sexes in surfers, analyzing psychological and sociodemographic aspects. An electronic form was used to collect data from 36 surfers and 64 non-surfers, covering: sociodemographic data and information about sports, physical activity and/or sedentary lifestyle; Visual-numeric non-analogue scale on health perception; Resilience Scale; Dysexecutive Questionnaire (DEX). The t-test for unpaired samples showed



significant differences for the variable "Time of practice" between the sexes ($p= 0.003$; $d= 0.99$), with men ($m= 18.39$ years, $sd= 14.55$) presenting longer practice time than women ($m= 7.73$ years, $sd= 4.38$). These results highlight the need to address gender issues in surfing, aiming for equity and the psychological well-being of all surfers.

Keywords: Surfing; Sex; Psychology.

Resumen

La evidencia reciente amplía el debate sobre las diferencias entre hombres y mujeres en los deportes. Esta investigación tuvo como objetivo investigar posibles diferencias entre los sexos en surfistas, analizando aspectos psicológicos y sociodemográficos. Se utilizó un formulario electrónico para recolectar datos de 36 surfistas y 64 no surfistas, abarcando: datos sociodemográficos e información sobre deportes, actividad física y/o sedentarismo; Escala visual-numérica no analógica sobre percepción de salud; Escala de Resiliencia; Cuestionario disejecutivo (DEX). La prueba t para muestras no pareadas mostró diferencias significativas para la variable "Tiempo de práctica" entre sexos ($p= 0,003$; $d= 0,99$), siendo los hombres ($m= 18,39$ años, $de= 14,55$) los que presentaron mayor tiempo de práctica que las mujeres ($m= 7,73$ años, $de= 4,38$). Estos resultados resaltan la necesidad de abordar las cuestiones de género en el surf, buscando la equidad y el bienestar psicológico de todos los surfistas.

Palabras clave: Surf; Sexo; Psicología.

INTRODUÇÃO

O surfe tem se popularizado no Brasil desde a década de 60, século XX. A partir dessa época, principalmente no Rio de Janeiro, a prática primeiramente marginalizada e estigmatizada, passa por um processo de esportivização, em que ganha espaço enquanto prática esportiva. Nesse momento, o surfe além de alcançar os holofotes da mídia, começa a se configurar enquanto estilo de vida (PEREIRA NETO et al., 2017; FOGLIATTO; MARQUES, 2023). Dentre os motivos que levam os adeptos a continuarem surfando estão a busca pela conexão com a natureza, por lazer e divertimento, para promoção e manutenção da saúde física e mental e por motivos profissionais (NEPOMUCENO, 2021). Em relação aos aspectos psicológicos, uma recente revisão sistemática indicou que a prática do surfe realmente parece ser capaz de influenciar indicadores de saúde mental (SOUZA et al., 2021), principalmente quando utilizado como elemento integrativo em protocolos terapêuticos (CONDE et al., 2023). Neste contexto, o surfe parece funcionar como uma intervenção não farmacológica que auxilia nos tratamentos convencionais para a promoção da saúde e do bem-estar psicológico (GLASSMAN et al., 2021; CONDE; CRUZ, 2021).

No tocante às questões socioculturais do surfe, devemos destacar que as posições de reconhecimento e o sucesso do país no esporte estão principalmente atrelados à categoria relacionada aos homens (AMATO; OLIVEIRA; PANFILI, 2021). Mais especificamente, o Brasil atualmente é reconhecido como uma potência do surfe devido à ascensão de jovens campeões como Adriano de Souza (mundial em 2015), Gabriel Medina (mundiais em 2014, 2018, 2021), Filipe Toledo (bicampeão mundial em 2022 e 2023) e Ítalo Ferreira (mundial em 2019; título olímpico em 2020) (STACHEVSK, 2020). No surfe praticado por mulheres, o principal destaque





é para Tatiana Weston-Webb (título Pan-Americano em 2023). Nesse contexto, torna-se evidente que apesar do número crescente de mulheres que praticam o surfe profissionalmente, poucas conseguiram tanto destaque quanto os homens (SCHMITT; BOHUON, 2021). Assim, fica exposta a desigualdade presente na prática dessa modalidade, uma vez que houve a estrita exclusão das mulheres na fase inicial de construção do surfe e na sua institucionalização (SCHMITT; BOHUON, 2021).

Todavia, para compreender as raízes complexas dessa desigualdade é fundamental entendermos que ela está amparada pela perspectiva biológica, que refere-se ao sexo, em que as distinções biológicas entre homens e mulheres produzem uma doutrina da diferença entre sexos para justificar a opressão das mulheres pelos homens. Dessa forma, é a partir desse ideal que surge o patriarcado, uma vez que esse conceito se apoia na ideia de que existem apenas dois sexos, ou seja, seria uma realidade social em que os comportamentos de homens e mulheres foram propagados (TIBURI, 2018). Dessa forma, a partir desses comportamentos pré-estabelecidos, as mulheres deveriam ser submissas aos homens devido à sua inferioridade genética (HARAWAY, 2019).

Em contrapartida, o gênero é tomado em uma perspectiva de construção social e cultural. Assim, observa-se que, culturalmente, as mesmas diferenças biológicas entre homens e mulheres convivem com uma ampla gama de variações nos papéis de gênero (OAKLEY, 2016). Todavia, compreender as dimensões do "sexo" - como a natureza - e do "gênero" - como o social, não conseguem explicar porque o sistema de poder funciona assim. "A fonte das relações desiguais entre os sexos é, afinal de contas, as relações desiguais entre os sexos" (SCOTT, 2019, p. 50). Portanto, o emprego do termo "gênero" destaca o sistema de relações que pode abranger o sexo, mas não é diretamente definido por ele, nem determina diretamente a sexualidade (SCOTT, 2019).

Nesse sentido, a hipermasculinidade, presente na cultura do surfe, tem sido associada a características sociais do gênero masculino, como competitividade e agressividade (NEPOMUCENO, 2021). Apesar do mar se configurar e poder ser vivenciado como um ambiente de encontros e trocas (LABELLA, 2015), segundo Schmitt e Bohuon (2021), a replicação das referidas características sociais através do comportamento de um grande número de surfistas reforça a constatação de que a modalidade ainda é um vetor da masculinidade hegemônica. Entretanto, as surfistas buscam remodelar e criar novas formas de ser e habitar o mundo (KNIJNIK; CRUZ, 2004), potencializando reflexões sobre o cenário





machista no surfe e promovendo uma importante transformação a partir da presença cada vez mais significativa de mulheres dentro d'água (AMATO; OLIVEIRA; PANFILI, 2021).

Diante do exposto, fica evidente que mesmo com uma crescente presença das mulheres no esporte, a experiência no surfe pode ser afetada pela cultura machista hegemônica (GLASSMAN et al., 2021). Nesse sentido, enfatiza-se a importância de problematizar questões, valores e comportamentos que impedem uma maior democratização no âmbito dessa modalidade. Adicionalmente, embora as questões entre gêneros e as diferenças entre os sexos sejam consideradas importantes variáveis nos estudos sobre processos psicológicos (GLASSMAN et al., 2021), ainda são poucas as produções que investiguem aspectos, fenômenos ou dificuldades relacionadas à expressão da feminilidade no contexto do surfe e das diferenças entre sexos que permeiam esse ambiente (SOUZA et al., 2021).

Considerando a demanda de ampliação do conhecimento científico na lacuna indicada, o presente trabalho investigou, em perspectiva exploratória, possíveis semelhanças e diferenças entre surfistas homens e mulheres, considerando parâmetros psicológicos e sociodemográficos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Participantes

A amostra foi composta por 36 praticantes de surfe que participaram voluntariamente desta pesquisa. Ainda sobre a caracterização desta amostra, a idade dos participantes variou de 17 a 59 anos. A média das idades foi de 33,1 anos e desvio padrão de 10,4. Quanto ao sexo autodeclarado, há majoritariamente participantes do sexo masculino (69,44%, n = 25), com média de idade de 36,4 anos, do que participantes do sexo feminino (30,56%, n = 11), com média de idade de 25,5 anos. Os objetivos e os procedimentos da pesquisa foram explicados a todos os participantes que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), concordando em participar da pesquisa. O presente estudo obedeceu a todos princípios éticos pertinentes a pesquisas com seres humanos, firmados na declaração de Helsinque em sua última revisão (10/2008) e na Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (2012) e aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal Fluminense (parecer no. 3.223.230).





Técnica e Instrumento de Coleta de Dados

A pesquisa apresenta caráter quantitativo ao propor comparações estatísticas entre homens e mulheres, considerando medidas psicométricas e dados sociodemográficos. Mais especificamente, as medidas foram obtidas através de um formulário eletrônico estruturado em etapas distintas: (1) preenchimento de dados sociodemográficos iniciais (composta por treze questões, que abordam informações básicas sobre o voluntário e questões socioeconômicas); (2) Informações sobre a prática esportiva, da atividade física e/ou sedentarismo (composta por treze questões, que tratam da relação do indivíduo com atividades físicas e práticas esportivas); (3) Escala não analógica visual-numérica sobre a percepção da Saúde mental; (4) Escala de Resiliência; (5) Questionário Disexecutivo (DEX).

O Questionário de Resiliência utilizado foi a versão de adaptação nacional, composta por uma escala do tipo *Likert* com 25 itens caracterizados por afirmativas sobre as capacidades individuais de resolução de problemas, enfrentamento de demandas e desafios, flexibilidade cognitiva, entre outras qualidades necessárias à resiliência humana (HARTMANN JÚNIOR; MEDEIROS, 2017).

Sintomas disexecutivos foram medidos através do Questionário Disexecutivo (DEX), que é um instrumento composto por 20 itens sobre comportamentos cotidianos que descrevem comportamentos associados à síndrome disexecutiva (MACUGLIA, 2016). Avalia a integridade ou prejuízos em funções como flexibilidade cognitiva, planejamento, controle inibitório, memória operacional e resolução de problemas. As respostas são classificadas segundo uma escala do tipo *Likert* variando de "0 – Nunca" até "4 – Sempre".

Já a escala linear não analógica visual-numérica é uma medida quantitativa amplamente utilizada e aceita pela literatura científica, tendo como características principais a utilização de indicadores numéricos variando linearmente entre 0, relativo à percepção de condição de saúde mental e física completamente negativa e disfuncional até 5 pontos, que reflete a percepção de uma condição de saúde mental completamente positiva / funcional.

Procedimentos

Os dados da pesquisa foram coletados no período de 2019 a 2021. O recrutamento dos participantes foi realizado através de divulgação do estudo em mídias sociais, convites em





e-mails e canais especializados. Dessa forma, os indivíduos que indicaram interesse em participar, concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e em seguida, responderam aos questionários descritos anteriormente através da plataforma Google Docs. Após atingir o número de respostas esperadas, todas as informações foram convertidas em uma tabela no Excel (versão 2010) para análises comparativas e correlacionais. Nas análises qualitativas preliminares foram identificadas variáveis categóricas que serviram para o estudo de possíveis variações nas medidas psicológicas através de análises com os valores das variáveis como resiliência, sintomas disexecutivos, habilidades psicológicas, vivência de emoções, saúde física, saúde psicológica e tempo de prática, considerando o sexo biológico como variável em perspectivas comparativas dentro do grupo de surfistas.

Análise de Dados

As análises comparativas entre homens e mulheres foram realizadas utilizando-se do Teste-t para amostras não pareadas (significância estabelecida em $p < 0,05$). Ademais, foram realizados cálculos de tamanho do efeito de D-Cohen. As análises foram feitas com base na pontuação obtida nas escalas psicométricas de Resiliência, de sintomas disexecutivos e nos valores obtidos na escala linear não analógica visual-numérica, tanto sobre a percepção da condição de saúde física e psicológica.

RESULTADOS

As análises entre os sexos demonstraram ausência de diferenças significativas para todas as comparações realizadas, exceto para a variável "Tempo de prática" ($p = 0,003$; $d = 0,99$). De modo mais específico, os homens apresentaram maior tempo de prática de surfe ($m = 18,39$ anos, $dp = 14,55$) quando comparados às mulheres ($m = 7,73$ anos, $dp = 4,38$).

As análises com a pontuação da escala de resiliência demonstraram que os homens ($m = 121,8$, $dp = 35,66$) não diferiram ($p = 0,91$; $d = 0,04$) em relação às mulheres ($m = 120,55$, $dp = 27,96$). Aqui é válido salientar que as investigações sobre a relação entre resiliência e diferenças entre os sexos não são conclusivas (AYALA; MANZANO, 2014), necessitando de mais estudos acerca do tema.

Quanto à escala de sintomas disexecutivos, não foram evidenciadas diferenças significativas ($p = 0,93$; $d = 0,03$), entre homens ($m = 44,44$, $dp = 14,68$) e mulheres ($m = 44,00$, $dp = 12,19$). Também não foram encontradas diferenças entre os sexos para as medidas





obtidas por meio de escala visual numérica não-analógica, seja referente à percepção de habilidades psicológicas ($p = 0,76$; $d = 0,10$) (homens: $m = 36,16$, $dp = 7,29$; e mulheres: $m = 36,82$, $dp = 5,15$), à percepção da saúde física ($p = 0,79$; $d = 0,09$) (homens apresentam: $m = 4,88$, $dp = 0,33$; e mulheres: $m = 4,91$, $dp = 0,30$) e saúde psicológica ($p = 0,33$; $d = 0,28$) (homens: $m = 4,96$, $dp = 0,20$; e mulheres: $m = 5,00$, $dp = 0,01$). Nesse sentido, nota-se que não houve significância estatística entre as variáveis, embora os homens tenham apresentado menor média do que as mulheres referentes às habilidades psicológicas, saúde física e saúde psicológica.

DISCUSSÃO

Apesar de a literatura demonstrar que homens e mulheres diferem na maioria dos aspectos de saúde e bem-estar (HIRANI; LASIUK; HEGADOREN, 2016), não foram observadas diferenças significativas entre homens e mulheres quando analisadas as pontuações das escalas utilizadas. Possivelmente, em função das propriedades terapêuticas associadas à prática do surfe (ROGERS et al., 2014; OLIVE, 2015; THORPE, 2015; AMRHEIN et al., 2016; SCHVIRTZ et al., 2018; WHEATON, 2019), tais diferenças tenham se atenuado. Foram encontrados indicativos, por exemplo, da implicação do surfe com o declínio da ansiedade, do estresse e com a redução sintomática em quadros como depressão e Transtorno de Estresse Pós-Traumático (AMRHEIN et al., 2016; ROGERS et al., 2014; THORPE, 2015; SCHVIRTZ et al., 2018). Além disso, outras implicações terapêuticas potenciais, emergem de evidências que revelaram que tais práticas podem desencadear aumento de confiança (ROGERS et al., 2014), do sentimento de felicidade (GODFREY et al., 2015; BUSH, 2016), de liberdade, e do aumento da resiliência (THORPE, 2015). A sensação de bem-estar advinda da prática do surfe também foi ressaltada em muitos outros artigos (MARSHALL et al., 2019; WHEATON, 2019; OLIVE, 2015; BRASIL et al., 2016; SCHVITZ et al., 2018). Também foram evidenciados efeitos positivos do surfe na sociabilização e na melhor qualidade para interações sociais (GODFREY et al., 2015; WHEATON, 2019; BEAUMONT, 2015; THORPE, 2015). Assim, esta modalidade esportiva aparece como fator de influência no restabelecimento de laços e afetividades e tornou-se fator importante para a vida econômica e valorização da cultura de certas comunidades.

Ainda sobre os resultados encontrados, consideramos que a ausência de diferenças significativas nas medidas psicológicas utilizadas neste estudo pode indicar que o perfil psicológico, com as medidas aplicadas, não determina a disparidade encontrada entre os sexos





quanto ao tempo de prática da modalidade. De acordo com Silva e Martins (2022), durante o século XX, as mulheres enfrentaram diversas restrições em relação à prática de esportes. Essas décadas de proibição e preconceitos resultaram em distúrbios que continuam afetando a oportunidade de participação até os dias atuais. Tal fato ampara as diferenças estatisticamente significativas obtidas nesta pesquisa, que indicam que os homens têm, em média, mais que o dobro do tempo de prática de surfe em comparação com as mulheres. Estudos adicionais, de natureza qualitativa, serão necessários para uma melhor compreensão dos fatores que influenciam no acesso, na frequência e na adesão das mulheres à prática do surfe. Considera-se, contudo, que os papéis sociais e as desigualdades encontradas em nossa sociedade possam ser as principais variáveis envolvidas nesta restrição do acesso de mulheres à prática do surfe. Mais especificamente, as diferenças encontradas corroboram as evidências que sustentam a tese de que o esporte tem se desenvolvido sob domínio de uma perspectiva patriarcal, que até pouco tempo, não cabia às mulheres (OLIVE et al., 2015).

Para compreender como a cultura patriarcal afeta o universo do surfe, é importante destacar que o termo patriarcado tem sido aplicado para definir sistemas nos quais é possível se verificar o domínio masculino e opressão às mulheres (MILLET, 2000), incorporando também outras definições (SCOTT, 2019; NICOLODI; HUNZIKER, 2021). Tal opressão e domínio se manifestam na sociedade em perspectivas variadas, seja através de diferenças salariais, falta de equidade na distribuição de empregos, quanto às condições de trabalho e em relação à seguridade social. Além disso, o patriarcado se manifesta como forma de controle sobre o corpo das mulheres, fato que possui implicações diretas com a presença reduzida das mulheres na água (BRITTO et al., 2020). Sob esta ótica, enfatizamos que a principal contribuição desta pesquisa se traduz pela demonstração de uma influência negativa da cultura patriarcal no contexto do surfe, que culmina na diferença encontrada quanto ao tempo de prática esportiva na modalidade.

Mais especificamente, identificamos que os homens apresentaram um tempo de prática significativamente maior do que as mulheres, praticamente o dobro de tempo. Tal achado corrobora e complementa as considerações anteriores que constatam que o surfe é um campo em que as mulheres ainda são vistas como exceção. Logo, muito embora demonstrem potencial terapêutico, de promover novas condutas políticas e de ampliar a sensibilidade ambiental, os esportes na natureza, a educação ao ar livre e o turismo de





aventura, não estão isentos de servirem à reprodução de padrões de dominação (BANDEIRA; RÚBIO, 2011).

Também se faz pertinente observar que as influências negativas da cultura patriarcal no contexto do surfe transcendem a restrição quanto ao tempo de prática das mulheres. De acordo com Cruz (2015), a modalidade do surfe é ligada à virilidade e à coragem, valores que são comumente atribuídos aos homens, fazendo com que a prática do surfe esteja no imaginário social como uma prática masculina. Assim, criam-se estereótipos e perpetuam-se discursos que instauram normas para todas as mulheres, dificultando de certa maneira, a participação feminina em determinadas modalidades esportivas (CRUZ, 2012).

Dessa forma, para que mulheres se lancem como surfistas ao mar, precisam construir um forte senso de coletividade e um histórico de lutas politizadas para que possam ser inseridas em contextos esportivos específicos, considerados por muito tempo, exclusivas do sexo masculino (SEVERINO; OLIVEIRA, 2020; GALVÃO, 2023). Infelizmente, a prática esportiva das mulheres no surfe ainda está atrelada aos estereótipos de fragilidade e como desfecho dessa situação, meninas e mulheres têm sido consideradas como inferiores aos homens e por vezes, como um problema a ser resolvido (SILVA; MARTINS, 2022). Todavia, apesar das “ondas altas, o mar revolto, a prancha, elementos destinados para a força e domínio masculino” não significa que tais desafios sejam exclusivos para os homens (ROCHA, 2021, p. 25).

Tais indicadores devem estimular a quebra dos paradigmas impostos pela sociedade e pela mídia para que a prática do esporte por parte das mulheres possa acontecer de forma mais plena (ALMEIDA, 2021). Romper com a lógica sexista, para além de garantir a participação delas no surfe, faz com que elas também tenham acesso ao esporte como uma estratégia de promoção de saúde mental, uma vez que, de acordo com Souza e colaboradores (2021), estar na água surfando torna-se uma oportunidade de integrar funções psíquicas e motoras, de reduzir níveis de estresse e superar outros tipos de questões emocionais. Portanto, há a necessidade de repensar modelos de existência e padrões de comportamentos inerentes ao cenário do surfe, intensificando os debates e pesquisas acerca da participação das mulheres no surfe, englobando os movimentos feministas na modalidade, a fim de compreender a sua importância para as conquistas dentro do âmbito esportivo (SILVA; MARTINS, 2022). O presente estudo evidencia as consequências que os papéis sociais culturalmente instituídos aos sexos reverberam no acesso e adesão ao esporte, estimulando reflexões sobre a





construção de ambientes saudáveis, acessíveis e democráticos para que todos os corpos consigam se beneficiar e serem protagonistas da prática do surfe, a fim de que o mar seja realmente um direito para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o acesso ao surfe esteja se tornando mais acessível às mulheres ao decorrer do tempo, ainda há uma prevalência dos homens nesses espaços, indicando que a presença de uma cultura patriarcal mantém nesse contexto, a reprodução de estilos, imposição de perfis e desempenho vinculados aos homens, cabendo às mulheres menor espaço e oportunidades (COMER, 2004; FORD; BROWN, 2006). Evidências vem confirmando que os papéis pré-estabelecidos que compreendem os sexos não foram extintos no contexto dos esportes, fato visível na presente pesquisa pela diferença encontrada no tempo de prática entre homens e mulheres.

Compreendendo que a dicotomia existente não advém de uma consequência de diferenças naturais, mas sim como expressões de valores socioculturais patriarcais, os achados do presente estudo se apresentam como resultado e não como fundamento de práticas sociais (SCHMIT; TBOHUON, 2021). Logo, o surfe também se mostra permeado por estereótipos direcionados aos corpos, sejam de homens ou mulheres, que acompanham pré-definições sobre o que cada um pode realizar, além de estipularem para ambos os sexos seus lugares na sociedade (GARCIA, 2018). Por fim, nota-se que o surfe, em sua temporalidade, se apresenta atravessado por valores culturais hegemônicos, envolvendo diversos grupos de maneira distinta em um mesmo contexto, como um reflexo de perspectivas patriarcais limitantes às mulheres (SEVERINO; OLIVEIRA, 2020).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Andressa Queiroz de. **Contribuições para marcas de surf considerando protagonismo feminino**. 2021. 89f. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnólogo em Design Gráfico. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2021.

AMATO, Júlia Frias; OLIVEIRA, Marina Simons Barbosa de; PANFILI, Anna Beatriz Vargas. Mulheres ao mar: o fenômeno dos coletivos femininos de surfe. In: NEPOMUCENO, Léo Barbosa (Org.). **Psicologia do esporte e surfe: aspectos socioculturais e psicológicos**. Curitiba, PR: CRV, 2021.





AMRHEIN, Michael, BARKHOFF, Harald; HEIBY, Elaine M. Spirituality, depression, and anxiety among ocean surfers. **Journal of clinical sport psychology**, v. 10, n. 2, p. 155-171, 2016.

AYALA, Juan-Carlos; MANZANO, Guadalupe. The resilience of the entrepreneur. Influence on the success of the business. A longitudinal analysis. **Journal of economic psychology**, v. 42, p. 126-135, 2014.

BANDEIRA, Marília Martins; RUBIO, Katia. "Do outside": corpo e natureza, medo e gênero no surfe universitário paulistano. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 25, n. 1, p. 97-110, 2011.

BEAUMONT, Emily; BROWN, David H. K. 'Once a local surfer, always a local surfer': local surfing careers in a southwest english village. **Leisure sciences**, v. 37, n. 1, p. 68-86, 2015.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BRASIL, Vinícius Zeilmann e colaboradores. The pedagogical actions for the surf coach intervention. **Movimento**, v. 22, n. 2, 403-416, 2016.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). **Como fica a prática de atividade física durante a pandemia de Coronavírus?** 2020. Disponível em: <<https://saudebrasil.saude.gov.br/eu-que-ro-me-exercitar-mais/como-fica-a-pratica-de-atividade-fisica-durante-a-pandemia-de-coronavirus>>. Acesso em: 28 fev. 2024.

BRITTO, Ana Claudia de Oliveira e colaboradores. Violência contra as mulheres: uma análise sobre a inclusão do conceito de patriarcado nas produções científicas na área da saúde. **Serviço social e saúde**, v. 19, p. 1-26, 2020.

BUSH, Lee. Creating our own lineup: Identities and shared cultural norms of surfing women in a US East Coast community. **Journal of contemporary ethnography**, v. 45, n. 3, p. 290-318, 2016.

COMER, Krista. Wanting to be Lisa: generational rifts, girl power and the globalization of surf culture. In: CAMPBELL, Neil (Ed.). **American youth cultures**. Edinburgh, England: University Press, 2004.

CONDE, Erick Francisco Quintas; CRUZ, Raquel Nogueira da. Efeitos terapêuticos do surfe na saúde mental. In: In: NEPOMUCENO, Léo Barbosa (Org.). **Psicologia do esporte e surfe: aspectos socioculturais e psicológicos**. Curitiba, PR: CRV, 2021.

CONDE, Erick Francisco Quintas e colaboradores. Surfe terapia e saúde mental durante a pandemia: uma análise qualitativa de um ensaio extensionista. In: CAMILO, Juliana A. de O.; SOTO-LAGOS, Rodrigo (Edits.). **Covid-19 y deporte en Latinoamérica**. Santiago, Chile: Ariadna, 2023.





CRUZ, Ana Carolina Costa. **Mulheres nas pranchas: trajetórias das primeiras competidoras do surfe carioca (década de 1960)**. 2012. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

CRUZ, Ana Carolina Costa. **Primeiras competidoras do surfe carioca: década de 1960**. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL MEMÓRIA, DEMOCRACIA E JUSTIÇA, 11. **Anais...** Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

CRUZ, Raquel Nogueira da e colaboradores. Medidas psicológicas e comportamentais de atletas de surfe. In: ENCONTRO ONLINE DE PSICOLOGIA DO ESPORTE DO RIO DE JANEIRO. **Anais...**, Associação dos Psicólogos do Esporte do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

NICOLODI, Laís de Godoy; HUNZIKER, Maria Heleha Leite. O patriarcado sob a ótica analítico-comportamental: considerações iniciais. **Revista brasileira de análise do comportamento**, v. 17, n. 2, p. 164-175, 2021.

FORD, Nicholas J.; BROWN, David. **Surfing and social theory: experience, embodiment, and narrative of the dream glide**. New York, USA: Routledge, 2006.

GALVÃO, Letícia Oliveira Feijão. Corpo, gênero e agência: uma análise a partir do skate e do surfe femininos em Aracaju, Sergipe. **Diversidade e educação**, v. 11, n. 2, p. 352-379, 2023.

GARCIA, Carla Cristina. O gênero e as práticas esportivas das mulheres. Alguns pontos de discussão em psicologia social e do esporte. **Psicologia revista**, v. 27, p. 497-517, 2018.

GLASSMAN, Lisa H. e colaboradores. Gender differences in psychological outcomes following surf therapy sessions among U.S. service members. **International journal environmental research public health**, v. 18, n. 9, p. 1-12, 2021.

GODFREY, Cath; DEVINE-WRIGHT, Hannah; TAYLOR, Joe. The positive impact of structured surfing courses on the wellbeing of vulnerable young people. **Community practitioner**, v. 88, n. 1, p. 26-29, 2015.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpos, gêneros e sexualidades: em defesa do direito das mulheres ao esporte. *Revista do centro de pesquisa e formação*, v. 13, p. 99-112, 2021.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XXI. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2009.

HIRANI, Saima; LASIUK, Garri; HEGADOREN, Kathy. The intersection of gender and resilience. **Journal of psychiatric and mental health nursing**, v. 23, n. 6-7, 2016.

HARTMANN JUNIOR, José Antônio Spencer; MEDEIROS, Antônio Gabriel Araújo de. Escalas de Resiliência: uma revisão narrativa. **Revista meta: avaliação**, v. 9, n. 27, p. 561-578, 2017.





KNIJNIK, Jorge Dorfman; CRUZ, Livia Oliveira. Mulheres ao mar: surfe e identidades femininas em transição. In: SIMÕES, Antonio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman (Orgs). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo, Aleph, 2004.

LABELLA, Bruna Teixeira. **Conversas à beira-mar: a prática do surfe pelos olhares de surfistas veteranos da Baixada Santista**. 2015. 190f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física). Universidade Federal de São Paulo, Santos, SP, 2015.

MACUGLIA, Greici Rössler e colaboradores. Behavioural assessment of the dysexecutive syndrome (BADS): adaptação e evidências de validade. **Psico-USF**, v. 21, p. 219-232, 2016.

MARSHALL, J.; KELLY, P.; NIVEN, A. "When i go there, i feel like i can be myself." Exploring programme theory within the wave project surf therapy intervention. **International journal of environmental research and public health**, v. 16, n. 12, p. 1-17, 2019.

MILLET, Kate. **Sexual politic**. Chicago, USA: University of Illinois Press, 2000.

NASCIMENTO NETO, José Ferreira do. **A trajetória do surfe no Brasil sob percepção dos gestores da modalidade**. 2020. 38f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2020.

NEPOMUCENO, Léo Barbosa (Org.). **Psicologia do esporte e surfe: aspectos socioculturais e psicológicos**. Curitiba, PR CRV, 2021.

OAKLEY, Ann. Sexo e gênero. **Revista feminismos**, v. 4, n. 1, p. 64-71, 2016.

OLIVE, Rebecca; MCCUAIG, Loiuise; PHILIIPS, Murray G. Women's recreational surfing: a patronising experience. **Sport, education and society**, v. 20, n. 2, 258-276, 2015.

PEREIRA NETO, Gerson Paulo e colaboradores. Surfe é estilo de vida: motivação para a prática em mulheres jovens. **Licere**, v. 20, n. 1, p. 115-139, 2017.

ROCHA, Elizania Corado. **Um olhar reflexivo acerca do livro histórias de ninar para garotas rebeldes - 100 fábulas sobre mulheres extraordinárias de Elena Faville Francesca Cavallo**. 2021. 28f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, TO, 2021.

ROGERS, Carly M.; MALLINSON, Trudy; PEPPERS, Dominique. High-intensity sports for posttraumatic stress disorder and depression: Feasibility study of ocean therapy with veterans of operation enduring freedom and operation Iraqi freedom. **American journal of occupational therapy**, v. 68, n. 4, p. 395-40, 2014.

FOGLIATTO, Monique de Souza Sant'Anna; MARQUES, José Carlos. "Nós vamos invadir sua praia": os usos imprevistos dos espaços urbanos de natureza pelas pranchas do mar. **Record**, v. 16, n. 2, p. 1-19, 2023.





SCHMITT, Anne; BOHUON, Anais. When women surf the world's biggest waves: breaking gender barriers. **Sport in society**, v. 25, n. 10, p. 1-16, 2021.

SCHVITZ, Erica e colaboradores. Return to surfing using an adapted prosthesis: a case report. **Prosthetics and orthotics international**, v. 42, n. 4, p. 455-459, 2018.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SEVERINO, Cláudio Delunardo; OLIVEIRA, Aline. Esporte também é coisa de menina: abordagens acerca da inserção da mulher no esporte. In: COLÓQUIO TÉCNICO CIENTÍFICO DO UNIFOA, 14. **Anais...** Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda, RJ, 2020.

SILVA, Bruna Saurin; MARTINS, Mariana Zuaneti. Ensinando o esporte a partir do ponto de vista feminista: tensões da epistemologia feminista para a pedagogia do esporte. **Corpoconsciência**, v. 27, p. 1-16, 2022.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE MEDICINA DO EXERCÍCIO E DO ESPORTE (SBMEE). **Informe da Sociedade Brasileira de Medicina do Exercício e do Esporte sobre exercício físico e o coronavírus (COVID-19)**. 2020. Disponível em: <http://www.medicinadoesporte.org.br/wpcontent/uploads/2020/03/sbmee_covid19_final.pdf>. Acesso em 28 fev. 2024.

SOUZA FILHO, Breno Augusto Bormann; TRITANY Érika Fernandes. COVID-19: importância das novas tecnologias para a prática de atividades físicas como estratégia de Saúde Pública. **Cadernos de saúde pública**, v. 36, n. 5, p. 1-5, 2020.

SOUZA, Débora Matias de e colaboradores. Evidências psicológicas do surfe: efeitos terapêuticos e demandas assistenciais. **Motrivivência**, v. 33, n. 64, p. 1-23, 2021.

SOUZA, Débora e colaboradores. Aspectos psicológicos na prática do surfe: uma revisão sistemática. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA DO ESPORTE, 8, **Anais...**Ribeirão Preto, SP: Associação Brasileira de Psicologia do Esporte, 2019.

STACHEVSKI, Thiago Weigert e colaboradores. **A inserção do surf nos Jogos Olímpicos de verão Tóquio 2020: as estratégias dos agentes e instituições no campo esportivo**. 2020. 85f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2020.

THORPE, Holly. Natural disaster arrhythmia and action sports: The case of the christchurch earthquake. **International review for the sociology of sport**, v. 50, n. 3, p. 301-325, 2015.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.





WHEATON, Belinda. Staying 'stoked': Surfing, ageing and post-youth identities. **International review for the sociology of sport**, v. 54, n. 4, p. 387-409, 2019.

Dados da primeira autora:

Email: thalitaamaralmattiuzzi@id.uff.br

Endereço: Rua Doutor Lacerda Sobrinho, 255, Centro, Campos dos Goytacazes, RJ, CEP: 28010-076, Brasil.

Recebido em: 13/02/2024

Aprovado em: 03/04/2024

Como citar este artigo:

MATTIUZZI, Thalita Amaral; CRUZ, Raquel Nogueira; CONDE, Erick Francisco Quintas. A relatividade do tempo no surfe: um estudo exploratório sobre diferenças psicossociais entre homens e mulheres. **Corpoconsciência**, v. 28, e.17102, p. 1-15, 2024.

